

# FRANCA COHEN GOTTLIEB<sup>1</sup>

(Roma, Itália, 1925)



Franca Cohen, 1951. Fotografia não identificado.

Brasil, s. d.

Acervo: Gottlieb/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

---

1 Entrevista concedida por Franca Cohen Gottlieb a Anna Rosa Campagnano Bigazzi e Sema Petraghani. Áudio indisponível. Citada em CAMPAGNANO, Anna Rosa; PETRAGNANI, S. *A milenária presença dos judeus na Itália – Resgatando a memória da imigração de judeus italianos no Brasil (1938-1941)*. S. Paulo: Atheneu, 2007. Transcrição e pesquisa: Maria Luiza Tucci Carneiro, em 10. 8.2016. Iconografia: Nanci Souza e Samara Konno.

## Minhas raízes greco-italianas

Nasci na cidade de Roma, na Itália, em setembro de 1925. Sou filha de Guido Cohen, nascido em Creta (Grécia), em 1895, oriundo de uma família de Livorno, e de Vittoria Tedeschi, nascida em Pádua, na Itália, em 1898. Minha irmã chamava-se Giordana Cohen e faleceu no Rio de Janeiro, em 1949.



Ilha de Creta, onde o pai da sobrevivente nasceu; a comuna de Livorno e a cidade de Esmirna, onde os avós paternos nasceram; a cidade de Pádua, onde a avó materna nasceu; e a cidade de Roma, onde o pai trabalhou em uma construtora.  
Google Maps.

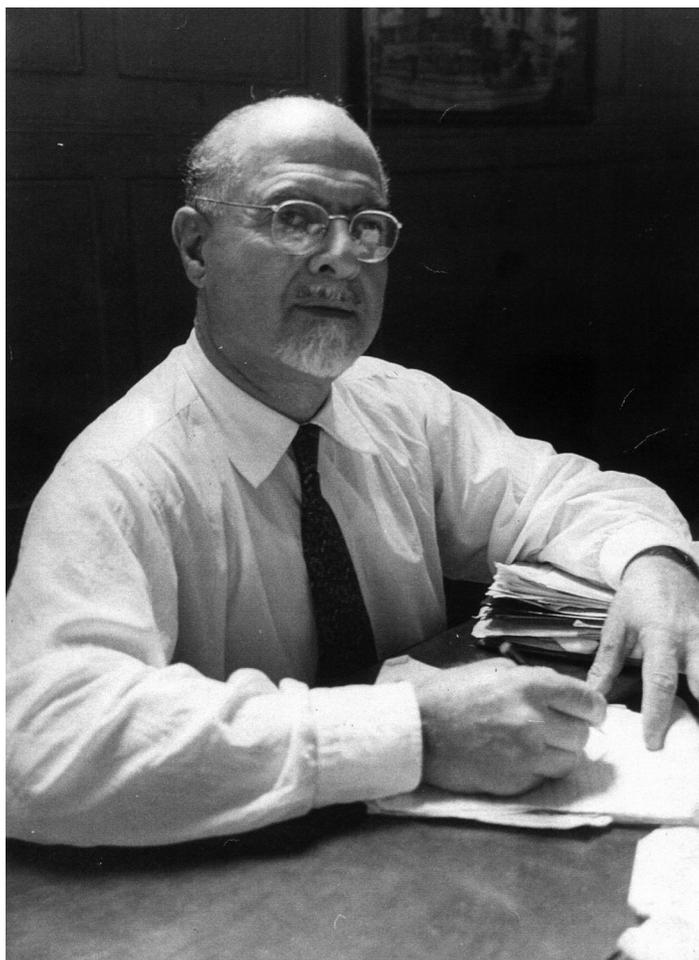
Mattatia Cohen, meu avô paterno, foi cônsul em vários países do Oriente Médio, e minha avó Giuditta Habif Cohen, sua esposa, era originária de Esmirna. Mattatia era filho de Avraham Cohen e Ferosa Cohen (meus bisavós) que, além do meu pai, tiveram quatro filhos: Marcello Leone Mosè Cohen, Umberto Cohen, Clélia Cohen (que mais tarde assumiria o sobrenome Manciet de seu marido) e Arturo Cohen, todos nascidos em Creta.

*Franca Cohen Gottlieb*

Muito pouco sabemos sobre Pia Forlí Tedeschi, minha avó materna: ela era casada com Cesare Tedeschi, falava fluentemente o dialeto veneziano (da região de Pádua e Ferrara) e a família era de Pádua.

Minha mãe era professora de matemática e física e trabalhou na Faculdade de Física da Universidade de Roma, onde conheceu Guido. Nos anos 1920-1930, era muito raro uma mulher estudar física e matemática, algo muito singular para aquela época. Ela tinha uma única irmã, Eugenia, que se casou com Umberto Segre e foi morar em Gênova. Desse casamento nasceram Luciano Benjamin Segre e Tullio Segre. Luciano nasceu em Gênova, na Itália, em 22 de outubro de 1931 e faleceu em S. Paulo, em 4 de setembro de 1991.

Meu pai lutou na Primeira Guerra Mundial durante a qual foi ferido, perdendo um olho. Era engenheiro e, mais tarde em Roma, trabalhou na Construtora Almagià Beer. Em



Guido Cohen, pai de Franca. Fotografia não identificado.  
Acervo: Gottlieb/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

1936, participou da construção do aeroporto na ilha grega de Rodas, que naquele tempo era italiana. Apesar de meu pai ter se inscrito no Partido Fascista, não frequentávamos o ambiente fascista. Como curiosidade, cito aqui um fato bastante interessante: meu pai, na Itália, antes das leis raciais, foi convidado, como ex-combatente e mutilado de guerra, a dar aulas de “Cultura Militar” em um liceu de Roma. Essa foi uma estratégia de Mussolini que inventou essa disciplina “Cultura Militar”, obrigatória em todas as escolas, e para ensiná-la foram chamados os “heróis da pátria”. O diretor dessa escola era um certo professor Trizzini. Ele tinha dois filhos, e, após a guerra, refugiaram-se no Brasil, e meu pai os ajudou a encontrar trabalho!

## *Diante das leis raciais na Itália*

Eu tinha 13 anos quando, por ser judia, fui proibida, pelas leis raciais italianas, de frequentar a escola pública em Roma. Assim, fui matriculada em uma escola criada às pressas pela comunidade judaica para abrigar os alunos e professores judeus expulsos da rede pública. Lembro-me de que, no dia em que foram promulgadas as leis raciais, em setembro de 1938, meu pai entrou em casa com um jornal nas mãos e disse em voz alta: “Vamos embora da Itália! As meninas não podem mais frequentar a escola pública italiana!”.<sup>A</sup>

Não foi difícil a obtenção do visto, uma vez que os irmãos de meu pai – Arturo e Umberto – já se encontravam no Brasil desde os anos 1920. Eles vieram para cá em busca de trabalho logo após a Primeira Guerra Mundial onde lutaram no Exército italiano, junto com meu pai e meu tio

**A-** Edições das leis raciais na Itália fascista: 1º e 2 de setembro de 1938, aprovadas as disposições legislativas racistas e antijudaicas pelo governo de Benito Mussolini, sendo as primeiras decretadas contra os judeus estrangeiros e em “defesa da raça pura” na escola fascista. Em consequência, foram criadas escolas primárias para as crianças identificadas como sendo da “raça judaica”; em 17 de novembro de 1938, divulgaram-se várias disposições relativas aos casamentos e a declaração sobre quem deveria ser considerado de “raça judaica”; em 22 de dezembro de 1938, o governo divulgou as disposições relativas à baixa e à aposentadoria dos militares de “raça judaica” das Forças Armadas do Estado; em 9 de fevereiro de 1939, normas de atuação das disposições relativas aos limites de propriedade imobiliária e de atividades industrial e comercial para os cidadãos italianos de “raça judaica”; em 29 de junho de 1939, a lei sobre a disciplina do exercício das profissões por parte dos cidadãos de raça judaica; em 13 de julho de 1939, disposições sobre matéria testamental, bem como sobre a disciplina dos sobrenomes para os pertencentes à raça judaica; em 19 de abril de 1942, a exclusão dos elementos judaicos do campo dos espetáculos; em 10 de junho de 1940, a Itália entrou na guerra. Mussolini aumentou a perseguição aos direitos dos judeus, instituindo, naquele mesmo mês, a internação dos judeus italianos julgados perigosos para o regime e dos judeus estrangeiros cujos países tinham uma política antijudaica. Campos de concentração foram abertos por toda a Itália, enquanto muitos judeus eram encarcerados nas prisões das maiores cidades. Em maio de 1942, os judeus com idade entre 18 e 55 anos foram chamados para prestar serviços forçados.

Marcello. Enviaram uma carta de chamada e um contrato de trabalho obtido por meio do Sr. Luporini. Meu pai entrou no Brasil como mecânico de automóveis, um subterfúgio muito usado pelos imigrantes para conseguir liberar o visto.

## ***O Brasil como destino***

Ao partirem, meus pais deixaram um apartamento em Roma que, mais tarde, foi doado ao Giorgio (filho de Eugenia, irmã de minha mãe) e aos seus irmãos. Eu tinha 13 anos quando, com meus pais e minha irmã Giordana, cheguei ao Rio de Janeiro, no navio Conte Grande. A data era 4 de abril de 1939. Lembro-me de ter tido enjoo durante a viagem inteira. Nessa época, meu pai Guido Cohen tinha 44 anos; minha mãe Vittoria Tedeschi Cohen, 41; eu, 14, e minha irmã Giordana, 10. Momentos muito tristes das nossas vidas: a perda dessa minha irmã Giordana, vítima de um acidente em 1949, e a notícia da morte de meu tio Marcello Cohen, de 25 anos, deportado e desaparecido em Auschwitz durante a guerra.

Ao chegarmos ao Brasil, não conhecíamos ninguém, exceto Umberto e Arturo, irmãos do meu pai. Umberto era casado com Ema (ou Emma) e Arturo com Lizetta. Aos poucos, porém, meus pais fizeram amizade com os outros judeus italianos que haviam chegado na mesma época. Não me recordo se recebíamos notícias da Itália durante a guerra, suponho, porém, que se isso acontecia, era um fato bastante raro.

Meus pais tiveram sorte e conseguiram revalidar seus diplomas através de uma fortuita abertura nas leis brasileiras, até então bastante restritivas nesse aspecto. Aqui no Brasil, minha mãe deu aulas de física e, quando às vezes eu assistia a elas, ficava fascinada, apesar de nada entender das fórmulas que ela citava!

No Rio de Janeiro fui matriculada em um colégio feminino protestante, o Bennet, que até hoje existe e lá fiz muitas amizades. O ambiente brasileiro mostrou-se sempre muito acolhedor e gentil com todos nós. Permanecemos um ano na capital carioca e depois nos mudamos para Petrópolis, porque o clima do Rio nos pareceu quente demais no verão. Meu pai conseguiu um bom trabalho como engenheiro de uma sociedade construtora.

Minha irmã Giordana e eu fomos matriculadas no colégio particular Notre Dame de Sion, pois meus pais acharam que essa era a melhor alternativa escolar em Petrópolis naquela

época. A escola era tolerante, e posso dizer que foi um modelo de respeito pelo outro, sem nos impor a religião em momento algum. Ali fomos sempre respeitadas como judias e lembro-me de que a diretora dizia: “Temos conosco duas meninas italianas que somam a graça dos italianos à inteligência dos judeus”. Fazia parte do uniforme da escola uma corrente no pescoço com um crucifixo, mas pudemos trocar o símbolo cristão por uma *Maguen David*\* que usávamos com orgulho sem sentir o menor constrangimento. Nós, Giordanna e eu, recebíamos lições de judaísmo enviadas por um rabino do Rio de Janeiro. Sou muito grata ao Notre Dame de Sion.

Minha família era religiosa, observante, e no Rio de Janeiro frequentávamos a sinagoga sefaradita da CIB (hoje Beth-El). Inscrevi-me na Universidade Federal do Rio de Janeiro e, nesse período, fui levada por um amigo de família, Emilio Milla, à Associação Religiosa Israelita (ARI).

Em 1947 casei-me com Otto Richard Gottlieb, nascido em 1920, na cidade de Brno, na então Tchecoslováquia, onde viveu até os 14 anos. Os pais de Otto chamavam-se Adolf Gottlieb e Dora Ornstein Gottlieb. Meu marido era o mais velho de quatro irmãos – Otto, Felix, Marie Lizbeth (Mena) e Peter. O fato de sua mãe ser brasileira (nasceu no Brasil durante estadia para negócios de seu pai Hugo Ornstein) facilitou-lhe a naturalização por opção.<sup>A</sup>

Otto Richard Gottlieb vinha de uma família de químicos e se interessou muito pelas plantas brasileiras. Seu avô paterno fabricava louça esmaltada na Tchecoslováquia e seu pai era químico dessa fábrica (Bruder Gottlieb und Braubach). O avô materno, por sua vez, exportava café do Rio de Janeiro e de Vitória desde 1880. Com o falecimento do avô, a

A- Otto Richard Gottlieb nasceu em Brno, na República Tcheca, em 31 de agosto de 1920, e faleceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 2011. Em 1936, em decorrência da iminente ascensão do regime nazista, foi para a Inglaterra onde estudou no Badingham College. Em 1939, emigrou para o Brasil instalando-se com sua família no Rio de Janeiro. No ano seguinte, ingressou no Colégio Universitário, período que estagiou no laboratório de Imunologia do Instituto Butantã. Tornou-se redator da revista *Química*, publicada pela Escola Nacional de Química. Formou-se em Química Industrial pela Universidade do Brasil (atual UFRJ). Trabalhou em diversas indústrias químicas do país e exterior, como UFMG, Instituto de Química Agrícola, UnB e Universidade de Indiana (Estados Unidos). Estudou as plantas da Amazônia, seus extratos brutos, as substâncias que podem ser isoladas e a estrutura delas. Dedicou sua vida à preservação e ao estudo do patrimônio vegetal brasileiro. Com mais de 700 trabalhos publicados, Gottlieb sempre buscou uma resposta química para algum problema biológico. Estudou, entre outras espécies, a lauráceas e a miristicáceas. Seus estudos sobre a canela trouxeram ao conhecimento público algumas aplicações medicinais, fitoterápicas e culinárias da espécie, além das propriedades aromáticas utilizadas na indústria cosmética. Em 1967, com financiamento da Fapesp, Gottlieb criou o laboratório de Química de Produtos Naturais no Instituto de Química da Universidade de S. Paulo. Integrando a química à biologia, ecologia e geografia, Gottlieb desenvolveu uma nova área de estudo no campo da química de produtos naturais: a sistemática bioquímica das plantas, também chamada de quimiosistemática ou taxonomia química, que consiste na identificação de grupos de substâncias químicas presentes nas plantas. Currículo no IBICT – Canal Ciência, disponível em: <[http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/otto\\_richard\\_gottlieb.html](http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/otto_richard_gottlieb.html)>. Acesso em: 28 jul. 2017

*Franca Cohen Gottlieb*



Família Gottlieb em 1939 (Otto está à esquerda). Fotografia não identificado.  
Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1609434>>.  
Acesso em: 28 jul. 2017



Família Gottlieb, com Otto à esquerda, década de 1920. Fotografia não identificado.  
Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1609434>>.  
Acesso em: 28 jul. 2017.

### *Vozes do Holocausto*

família mudou-se para o Brasil, e, a partir de 1936, sua mãe – que era brasileira, nascida em Petrópolis – passou a gerenciar a exportadora de café e seu pai fundou uma fábrica para a transformação química de óleos essenciais em matéria-prima para perfumaria. Otto e seu irmão Félix foram estudar no Badingham College, um colégio protestante da Inglaterra. Mas, diante da iminência de uma guerra, ele emigrou para o Brasil em 1939 e, no ano seguinte, ingressou no Colégio Universitário, considerado como o melhor curso colegial do país. Em 1945, quando já estava formado, foi trabalhar com o pai na fábrica, apesar de não ser muito do seu agrado, pois queria mesmo seguir a carreira acadêmica, o que fez no final dos anos 1950. Lá ele fazia um pouco de tudo: projetava, alimentava as caldeiras, comprava, vendia. Em 1960, ele foi trabalhar no Instituto Weizmann, em Israel, onde ficou durante um ano com uma bolsa de estudos do governo brasileiro.



Otto Gottlieb jovem, s. l. c. 1940.  
Fotógrafo não identificado.  
Acervo: Gottlieb; Arqshoah-Leer/USP.

Conhecemo-nos nos grupos juvenis da ARI do Rio de Janeiro, através de um amigo dos pais de Otto que achou interessante apresentar “aquele rapaz que falava muito pouco àquela moça que não parava de falar”. Assim nos casamos e ficamos juntos durante 64 anos.



Casamento de Franca Cohen e Otto Gottlieb. Rio de Janeiro, 1947. Fotografia não identificado. Acervo: Gottlieb; Arqshoah-Leer/USP.

Desse casamento nasceram: Hugo Emílio Gottlieb (1948), Raul Cesar Gottlieb (1950) e Marcel Bernardo Gottlieb (1954). Otto faleceu em 19 de junho de 2011 e está sepultado no Cemitério Comunal Israelita. Tínhamos naturalmente saudades da Itália, mas nenhum de nós chegou a pensar em voltar para lá. Refizemos nossas vidas ao lado dos filhos, netos e de uma bisneta, por enquanto.<sup>A</sup>

A- Segundo Raul Cesar Gottlieb, filho de Franca Gottlieb que nos ajudou a conferir este texto, sua mãe “formou-se em Matemática, deu aulas durante toda a sua vida produtiva e foi muito ativa na comunidade judaica, através da ARI, a sinagoga onde conheceu Otto Richard Gottlieb, com quem se casou em 1947. Viveram 64 anos de casamento: uma vida de muita conversa, mas com especializações bem definidas. Meu pai escutava e minha mãe falava. Daí a minha frase.: *Eu, Raul e meus irmãos, somos sobreviventes de uma mãe judia e italiana.* Em 1948, nasceu Hugo Emílio Gottlieb, que é químico e vive em Rehovot, Israel, desde os anos de 1970, sendo casado com Helen e tem três filhas (Leah, Tammy e Michal) e duas lindas netas (Aviv e Lilach), ambas filhas de Leah. Em 1950, eu nasci Raul Cesar Gottlieb – e hoje sou engenheiro, vivo no Rio de Janeiro, sou casado com Marina e temos dois filhos e uma filha: Ilan, Bruno e Miriarn, e seis lindos netos: David e Artur, filhos de Ilan; Clara e Luna, filhas de Bruno; e Rafael e Yonathan, filhos de Miriam. Em 1954, nasceu Marcel Bernardo Gottlieb, engenheiro que também vive no Rio de Janeiro, sendo casado com Eliane e tem três filhos e duas filhas: Daniel, Michel, Felipe, Giovanna e Débora, e duas lindas netas (filhas de Felipe): Jade e Camila”. Informações registradas por Raul Cesar Gottlieb em 9.9.2016.



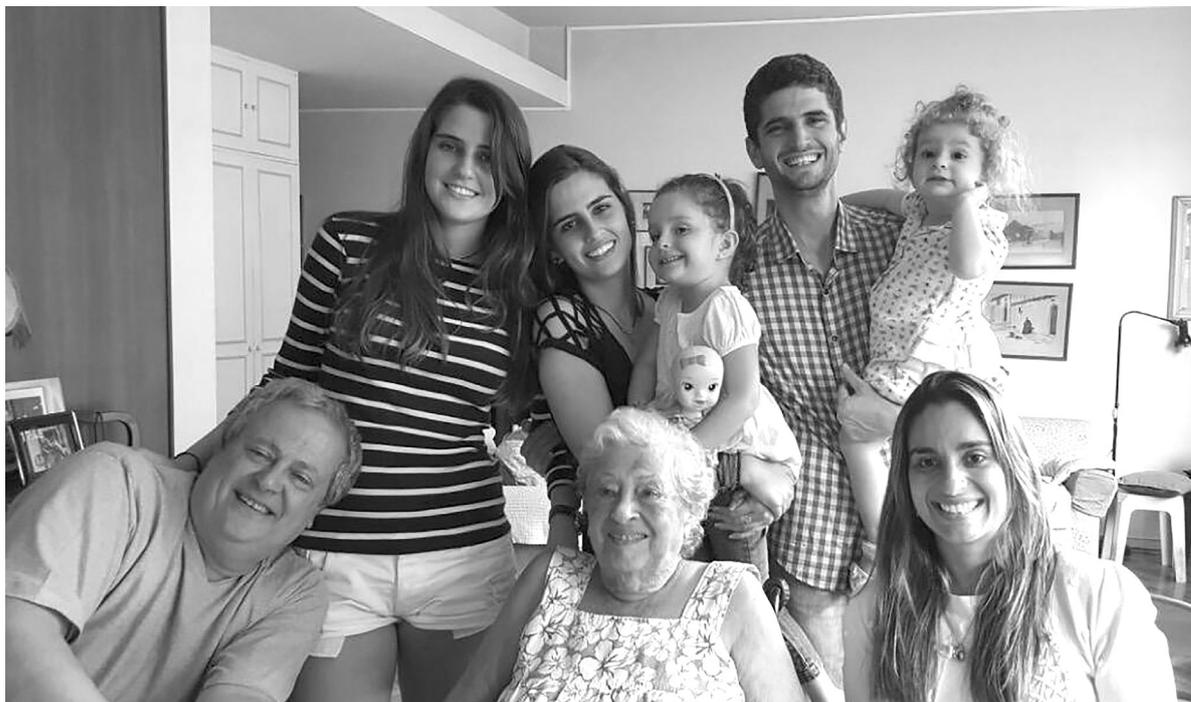
Em pé: Franca, Hugo, Otto, Raul e Guido Cohen (pai da Franca).  
Sentados: Vittoria (mãe da Franca), Adolf (pai do Otto), Marcel e Dora (mãe do Otto), s. l. s. d.  
Disponível em: <<http://slideplayer.com.br/slide/1609434/>>. Acesso em: 28 jul. 2017.



Franca e Otto Gottlieb com os filhos: Marcel Bernardo (à esquerda no colo de Franca), Hugo Emílio (no meio) e Raul Cesar (à direita, no colo de Otto). Rio de Janeiro, c. 1956.

Fotógrafo não identificado. Acervo: Gottlieb/RJ; Arqshoah-Leer/USP.

*Franca Cohen Gottlieb*



Franca Cohen Gottlieb, bisavó, avó e mãe. Da esquerda para a direita: Marcel (filho), Giovanna (neta), Débora (neta), Franca, Jade (bisneta, no colo da Débora), Michel (neto), Camila (bisneta, no colo do Michel), Leila (esposa do neto Michel), Rio de Janeiro, Agosto de 2016.  
Fotógrafa: Eliane Gottlieb. Acervo: Gottlieb/RJ; Arqshoah-Leer/USP.